

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**“DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NO RELACIONAMENTO
AMOROSO”**

Georgia Correa da Silva

Jussara Teixeira

Orientador: Prof. Átila Rogerio

Sorocaba/SP

2022

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NO RELACIONAMENTO
AMOROSO

Artigo apresentado em cumprimento às exigências para
A conclusão do Curso de Formação em Psicanálise
sob a orientação do Professor Átila Rogerio

Sorocaba/SP

2022

**SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**Autoras: Georgia Correa da Silva
Jussara Teixeira**

**DEPENDÊNCIA EMOCIONAL NO RELACIONAMENTO
AMOROSO**

Avaliado em ____ / ____ / ____

Nota Final: () _____

Orientador Professor Átila Rogério

Professor(a) Examinador(a)

Sorocaba/SP

2022

Dependência Emocional no relacionamento amoroso

Emotional dependence in love relationship

Resumo

Este estudo foi desenvolvido percorrendo a temática dependência emocional, característico em relacionamento amoroso, analisando seus sinais e sintomas, possíveis determinantes e condicionantes desse processo, tais como suas implicações na vida do indivíduo. A dependência emocional é considerada um transtorno psicológico, que provoca angústia, ansiedade, perda da autoconfiança e uma renúncia de si, resultando na descaracterização de sua personalidade, tornando - o dependente da aprovação do outro. Para isso, foi desenvolvido uma pesquisa bibliográfica, por meio de livros, artigos científicos publicados recentemente, e discussões de especialistas sobre o assunto, além de estudos de caso, nos quais, pacientes foram submetidos a entrevistas e análises em setting terapêutico, tendo como eixo norteador, a questão: As vivências no contexto familiar, na infância do indivíduo, podem desenvolver uma dependência emocional na vida adulta? Os resultados apontam que, na infância, os sentimentos são percebidos de forma intensa, contudo, não são racionalizados nem organizados. A maneira na qual as relações entre a criança e seus cuidadores foram construídas, podem ter relação de dependência emocional na vida adulta, levando o indivíduo numa busca insistente, por demandas não supridas na infância. O assunto é de relevância para a sociedade e se faz necessário ser aprofundado por pesquisadores, posto que a psicanálise é uma ferramenta fundamental que norteia o indivíduo a identificar, elaborar e ressignificar sua história, de modo a promover a autonomia e protagonismo do sujeito, permitindo uma vida mais feliz e significativa.

Palavras-chave: dependência emocional, relacionamentos abusivos, dependência afetiva, transtorno de personalidade dependente

Abstract

This study was comprehensively compatible with emotional dependencies, characteristic in relationships, analyzing its signs and symptoms, possible determinants and inherent to this process, such as its conditionalities in the individual's life. Emotional dependence is considered a disorder, which causes anguish, anxiety, loss of psychological self-confidence, dependence on your personality, change of personality dependence. For this, a bibliographic research was carried out, through books, recently published scientific articles, and studies by specialists on the subject, in addition to case studies, chosen patients, studies and studies developed as in a therapeutic setting, with a guiding view, the question: Can experiences in the family context, in the individual's childhood, develop an emotional dependence in adult life? The results in childhood, the rational senses, are considered, in an intense way, they are not organized organized. The way in which the relationships between caregivers and their children were created may have a dependency relationship in adult life, the individual in an insistent childhood, for demands not met in childhood. The subject is developed to promote society and it is necessary to be deepened by research, since the psychoanalysis of its history is a fundamental tool that individualizes the individual to identify, and re-signifies, in a north way, the autonomy and protagonism of the protagonism, allowing a life happier and more meaningful.

Keywords: emotional dependence, abusive relationships, affective dependence, dependent personality disorder

OBJETIVO

Mediante a dados e relatos científicos pela revisão bibliográfica, este estudo busca encontrar na literatura, conceitos, sinais e sintomas e as consequências da dependência emocional para a vida do indivíduo adulto, assim como, a importância da psicanálise para enfrentamento e superação do sofrimento, causado pelo Transtorno de Personalidade Dependente, buscando formas de ajudar o dependente a identificar a origem do sofrimento psíquico, compreender e nomear suas emoções, estabelecendo condições reais para elaborar e ressignificar sua história.

OBJECTIVE

Through scientific data and reports through the literature review, this study seeks to find in the literature, concepts, signs and symptoms and the consequences of emotional dependence for the life of the adult individual, as well as the importance of psychoanalysis for coping and overcoming the suffering caused by Dependent Personality Disorder, seeking ways to help the dependent to identify the origin of psychic suffering, understand and name their emotions, establishing real conditions to elaborate and re-signify their history.

A angústia surge do momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde esta, em direção a um tempo onde ele sera alguma coisa na qual jamais se podera reencontrar

Jaques Lacan

INTRODUÇÃO:

A dependência emocional é um transtorno psicológico caracterizado pelo apego excessivo a outra pessoa, necessitando estar em um relacionamento para atingir estabilidade emocional, causando danos emocionais para o indivíduo em sua vida adulta.

É definido, segundo Bution e Wechsler (2016), um transtorno aditivo, em que o indivíduo necessita do outro para manter seu equilíbrio emocional, demonstrando um nível elevado de apego.

Sua natureza corresponde a um padrão crônico de insatisfação das demandas emocionais e afetivas. Como uma parte que falta em si e que busca encontrar no outro, resulta, na maioria das vezes, em relacionamentos conjugais formado por complexos apegos patológicos (JIMÉNEZ; RUIZ, 2008).

Pode estar presente em relacionamentos familiares e de amizades, contudo, é mais comum ocorrer em relacionamentos amorosos, acarretando danos profundos para o indivíduo, em sua vivência, como: falta de autoconhecimento, baixa variabilidade comportamental, baixa autoestima, negação e influência cultural, tornando-o incapaz de perceber em si, suas potencialidades e autonomia. (MOTA 2021).

Boscardin e Kristensen (2011) relacionam que, a dependência emocional, atinge mais mulheres, considerando que as mesmas valorizam mais a relação a dois que a si mesma.

O psicólogo Daniel Goleman, (1995) p. 47, justifica o fato de que, muitas lembranças e emoções fortes, como por exemplo, o abandono, datam dos primeiros anos de vida, na relação entre a criança e seus cuidadores, podendo ser então, este, o marco inicial para a dependência emocional em sua vida adulta.

Explana ainda, a anatomofisiologia desse sistema neural, esclarecendo que, no primeiro período de vida, estruturas cerebrais, como o hipocampo, que retém a informação e está conectado ao pensamento racional, não está totalmente desenvolvido na primeira infância. Entretanto, a amígdala, que está desde o nascimento, muito mais amadurecida, armazena as emoções, determinando sua valência e intensidade.

LeDoux apud Daniel Goleman (1995), considera fundamental o papel da amígdala na infância para justificar perturbações da vida adulta, pontuando que, as primeiras lembranças emocionais e sentimentos caóticos, se relacionam há um tempo inicial de vida, quando não se era possível verbalizar racionalmente.

Segundo DSM-5, a dependência emocional está classificada com o termo “Transtorno de Personalidade Dependente”, definido por características diagnósticas, sendo a principal, determinada por uma necessidade excessiva em ser cuidado por outra pessoa, frequentemente, por uma pessoa só, tendo como consequência, comportamentos de submissão e apego patológico, tornando o indivíduo, temeroso por uma possível separação.

A dependência emocional, causa no indivíduo, baixa autoestima, o torna inseguro e ansioso, desenvolvendo um padrão de comportamento depreciativo e submisso, o que pode causar sofrimento físico e psíquico, tornando-o vulnerável e dependente do amor e da atenção do seu parceiro, para se sentir feliz. SANTOS (2020)

Características associadas, que podem auxiliar no diagnóstico, percebe-se que o dependente, apresenta constantemente, comportamentos pessimistas, se auto questionam com frequência, subestimam suas capacidades e, tendenciosamente, refere-se a si mesmo como um indivíduo estúpido.

Geralmente, o indivíduo que sofre do Transtorno, não recebe muito bem as críticas, fazendo com que acredite menos em si mesmo. Pode buscar por superproteção e dominação em seus relacionamentos.

Evita cargos de responsabilidade, pois geralmente, fica ansioso diante a tomada de decisões, podendo então, ter sua funcionalidade profissional prejudicada.

Sua socialização é limitada, prefere estar próximo apenas àqueles no qual é dependente.

Segundo o DSM-5, contextos clínicos, apontam que, o Transtorno de Personalidade Dependente, pode ser diagnosticado em ambos os sexos, porém, apresenta-se com mais frequência nas mulheres.

Para diagnosticar se o grau do comportamento dependente pode ser classificado como patológico, deve-se considerar fatores sócio culturais e faixa etária do sujeito.

Pode ser caracterizado como transtorno quando claramente excessivo, causando limitações ou preocupações não realistas para o indivíduo e em seu modo de ver e viver a vida.

Dessa forma, o Transtorno de Personalidade Dependente é caracterizado quando o indivíduo apresenta, cinco ou mais, dos seguintes sintomas:

1. Tem dificuldades em tomar decisões cotidianas sem uma quantidade excessiva de conselhos e reasseguramento de outros.
2. Precisa que outros assumam responsabilidade pela maior parte das principais áreas de sua vida.
3. Tem dificuldades em manifestar desacordo com outros devido a medo de perder apoio ou aprovação. (Nota: Não incluir os medos reais de retaliação.)
4. Apresenta dificuldade em iniciar projetos ou fazer coisas por conta própria (devido mais a falta de autoconfiança em seu julgamento ou em suas capacidades do que a falta de motivação ou energia).
5. Vai a extremos para obter carinho e apoio de outros, a ponto de voluntariar-se para fazer coisas desagradáveis.
6. Sente-se desconfortável ou desamparado quando sozinho devido a temores exagerados de ser incapaz de cuidar de si mesmo.
7. Busca com urgência outro relacionamento como fonte de cuidado e amparo logo após o término de um relacionamento íntimo.
8. Tem preocupações irreais com medos de ser abandonado à própria sorte, reconhecimento, amor, atenção e carinho. (DSM-5, 2014)

Esse transtorno desperta sentimentos de insatisfação e vazio emocional, medo da solidão, frustração, tédio, desejo de autodestruição, pensamentos negativos, conflitos de identidade e autonegligência. BUTION E WECHSLER (2016)

As relações e vínculos afetivos entre a criança e sua família, podem ser considerados, fonte de saúde ou doença. NOGUEIRA E GERONASSO (2010)

Dentro do conceito de holding de WINNICOTT (1960), a falta de segurança na infância, devido ao abandono parental e da ausente relação física e emocional de seus cuidadores, constrói um aprendizado de desamor, ficando alheio a sentimentos como empatia, carinho, afeto e preocupação, para consigo. Consequentemente, é atraído por pessoas com características familiares que

repetem comportamentos autodestrutivos, sendo, portanto, um sentimento aprendido na infância.

Dessa forma, um convívio desestruturado, com ausência de afeto, pode transformar o indivíduo, em sua fase inicial de vida, em um adulto inseguro, dependente de afeto do outro, com uma forte tendência a comportamentos reproduzidos por membros da família.

Logo, a dependência emocional, é um comportamento que pode ser aprendido dentro do ambiente familiar, associado, por conseguinte, ao grande número de adultos, em busca de atendimentos psicoterápicos. RISO (2008)

Isto posto, o medo do abandono que causa angustia e aflição, mina cada dia mais, o amor próprio e a autoestima, diminuindo a autoconfiança em seu potencial, tornando o indivíduo submisso e passional, fazendo com que permaneça em relacionamentos improdutivos, mesmo que insatisfeito.

Na obra “Mulheres que amam demais”, Norwood (2005) faz uma análise reflexiva sobre os motivos que levam mulheres a se manterem em relacionamentos que geram sofrimento e concluiu que, mulheres que tiveram infâncias conturbadas, apresentam tendência a se relacionarem com homens problemáticos, pois estes relacionamentos passam a ser uma espécie de recriação das realidades vivenciadas na infância. Afirma ainda que, a pessoa a qual sofre da dependência amorosa, está fugindo de uma dor antiga provocada na infância.

Partindo desse pressuposto, em geral, estas mulheres, repetem o padrão de relacionamento registrado na infância, pois são atraídas por parceiros inseguros, que necessitam de cuidados, possivelmente por ligação a laços afetivos doentes, onde mulheres, mesmo em relacionamentos conturbados, acabam por permanecer com seus parceiros em uma situação que, a autora define como “um vício”, tornando-se uma réplica de suas vivências passadas. Norwood (2005)

No estudo desenvolvido por Campos (2020) que objetivou identificar possível relação entre experiências vividas na infância, correlacionada a dependência emocional na vida adulta, concluiu que, apesar de não ser determinante, os primeiros estágios da vida do indivíduo, são fundamentais no que diz respeito às tendências de desenvolvimento comportamental, de modo que, as experiências

perpassadas no ambiente familiar na infância, podem trazer consequências para o indivíduo na vida adulta, como o Transtorno de Personalidade Dependente.

Quanto à prevalência da dependência emocional, não houve consenso entre as pesquisas, contudo, uma revisão da literatura Sussman (2010), afirmou que entre 5% a 10% da população, no Brasil, apresenta características de dependência emocional.

No que se refere ao gênero, Alonso-Arbiol et al. (2002) afirmaram que a dependência emocional tende a ser mais acentuada na população feminina. Myers et al. (2007) também encontraram uma relação entre a dependência emocional e a timidez e os ciúmes nas mulheres.

Araújo (ARAUJO, N. L. 2020), em seu estudo de caráter qualitativo, avaliou a manifestação da dependência emocional, em mulheres que sofreram violência de gênero e concluiu que, há relações intrínsecas entre cultura patriarcal e violência de gênero, e que se relacionam com a dependência emocional.

Considera ainda, uma disposição cultural com condições socialmente pré-estabelecidas, onde o poder vem do controle do masculino sobre o feminino, estando ligado a uma posição de submissão. No mais, identificou que há uma banalização e naturalização do fenômeno, por parte da sociedade.

Na psicanálise de Freud, o fenômeno da dependência emocional, pode estar relacionada ao medo da perda do objeto amado, que estaria associado a dor narcísica.

Na dependência emocional, existem fatores fundamentais, ligados ao comportamento e manifestações das emoções, como, angústia, insegurança, medo, causando assim, o sofrimento amoroso, que, para Freud (1914), estão relacionados a incapacidade do sujeito de tolerar frustração.

Freud compara essa devoção submissa do sujeito ao objeto amado, tal a do hipnotizado ao hipnotizador. Remete que o objeto amado é posto ao lugar do EU IDEAL, e que, mesmo diante do desprezo recebido, continua a investir no relacionamento pelo EU, segundo Freud, relacionando os laços afetivos com o objeto amado.

Um estudo de caso, (Zanin, Valério, 2004), avaliou o impacto da intervenção psicanalítica, diante do transtorno de personalidade dependente. O sujeito do estudo foi uma universitária de 24 anos, sendo submetida a 28 sessões, utilizando vários instrumentos, como, entrevistas, critérios diagnósticos para transtorno de personalidade dependente, entre outras estratégias e técnicas cognitivas comportamentais, abordando, queixas expressivas e prioritárias, histórico de vida e familiar, planos de tratamento e motivação, discussão de crenças disfuncionais que permeiam o diagnóstico, aquisição de estratégia de enfrentamento e treino de autonomia.

Os resultados demonstram redução significativa das queixas do Transtorno de Personalidade Dependente, sintomas de depressão com consequente desenvolvimento de maior autonomia sobre seu comportamento e sentimentos, promovendo um melhor desempenho biopsicossocial.

Assim pode-se afirmar que, auxiliando a paciente a compreender melhor seu funcionamento psicológico, o resultado é positivo, pois o sujeito passa a ter mais autonomia no dia a dia, nas tomadas de decisões sem esperar excessivamente de conselhos, assumindo as principais áreas de sua vida, aprendendo a expressar discordância de outros, com protagonismo, e sobretudo, deixa de fantasiar temores acerca de ser abandonada pelo outro, permitindo – lhe vivenciar momentos de solidão e plenitude.

Um estudo (ASSMANN, MACHADO, 2017) aponta que, um dos sintomas do Transtorno da Personalidade Dependente, revela que a paciente, coloca dificuldades dentro da situação onde se encontra, na qual não consegue achar saída, nem solução para o seu problema, queixando-se seguidamente nos atendimentos, sobre a sua dependência, ao mesmo tempo que relata estar de “mãos amarradas”, demonstrando sua incapacidade de se perceber como agente de sua própria transformação.

O mesmo estudo de caso (ASSMANN, MACHADO, 2017), avaliou o atendimento psicoterápico, de uma mulher adulta com dependência afetiva ou Transtorno de Personalidade Dependente, na abordagem cognitiva, ressaltou que, o vínculo malformado com a principal figura de apego na infância, provoca transtornos nos

relacionamentos da vida adulta, caracterizado pelo comportamento de cuidado e atenção excessiva com a outra pessoa.

A sociedade também é responsável por estimular ou desencorajar comportamentos dependentes, para indivíduos de ambos os sexos, a partir de uma perspectiva sociocultural. (DSM-5)

A falta de entendimento sobre transtornos emocionais, pelos profissionais da saúde, faz com que seja um agravante na identificação e acolhimento dessas demandas, já que a maioria desses profissionais entendem que a dependência faz parte de qualquer relacionamento afetivo. (Cogswell, Alloy, Karpinski, & Grant, 2010)

RESUMO FINAL:

O Transtorno de Personalidade Dependente, merece maior atenção, e a partir desse estudo, observa-se que, ainda são poucas as publicações sobre o tema. Se faz necessário, mais envolvimento, inclusive da psicanálise, para ter melhor entendimento sobre os sintomas, efeitos e suas consequências na vida adulta.

Nota-se que, o sujeito que sofre desse transtorno psicológico, tende a repetir padrão de comportamento, principalmente nas suas relações amorosas, nas quais, o dependente busca por parceiros problemáticos para resgatar necessidades não supridas na infância, dificultando qualquer possibilidade de um relacionamento saudável, livre e feliz para ambos os envolvidos.

A busca excessiva por demandas não providas da infância, acarreta em experiências de angústia, sentimento de desamparo e uma ansiedade exagerada, por medo do abandono.

Segundo Riso (2008) o dependente afetivo sofre de uma despersonalização, até se transformar num anexo do outro.

Trata-se de uma dependência tão grave quanto ao vício de substâncias químicas, onde o vício passa a ser o parceiro. O vício afetivo tem as características de qualquer outra adicção, mas com peculiaridades que precisam de mais estudos.

É considerada, por estudiosos e pesquisadores, um transtorno psicológico que afeta, não só quem o possui, mas também, traz prejuízos para a vida de seus parceiros.

É preciso se atentar aos sinais manifestados, em um possível dependente como, cuidados excessivos com o outro, onde o foco da felicidade se concentra em uma única pessoa. O indivíduo tem sua autoestima extremamente comprometida, fazendo com que precise de validação por parte do outro, e a visão alheia sobre ele, passa a ser o que mais importa. Suas emoções são reprimidas, portanto, não defende sua própria opinião.

Para se sentir feliz, necessita de demonstrações de amor constantes, por parte do parceiro, pois na falta delas, cria-se a sensação de vazio e impotência. A falta da autoconfiança e baixa autoestima, alimenta ainda mais essa condição

problemática, fazendo com que o dependente busque no outro, a segurança que não tem em si mesmo.

É importante entender, a origem dos problemas que levam um indivíduo a se tornar dependente emocional, a partir de qual momento isso tornou-se um transtorno, causando prejuízos psicológicos. Esse padrão surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos.

Por meio de todos os materiais pesquisados, foi possível apontar vários fatores que podem desencadear esse transtorno.

Dentre esses fatores, foi possível concluir que, experiências vividas na infância, a maneira na qual, as relações entre criança e seus cuidadores foram estabelecidas, pode ter grande influência de como esse adulto irá conduzir seus relacionamentos.

O primeiro passo para a resolução desse transtorno, começa quando, o sujeito reconhece que existe um problema e busca ajuda de um profissional capacitado, que por intermédio da psicoterapia, venha desempenhar um trabalho de reconstrução da autoestima, da autovalorização e autoconfiança, abrindo caminhos, para que o indivíduo aprenda a desfrutar de sua própria companhia, abandonando a crença de que precisa estar sempre com o outro, para estar bem.

Dessa forma, ajudá-lo a definir limites emocionais em suas relações, é fundamental, evitando assim, situações em que a pessoa que sofre, tenha medo de se posicionar, de expressar suas opiniões e de estabelecer como deseja viver a relação.

Para quebrar esse ciclo, o dependente precisa aprender a amar de forma saudável, primeiramente a si mesmo. Uma pessoa com baixa estima, não gosta muito de quem ele é, portanto, o processo de cura, transcorre pelo resgate do amor próprio, e conseqüentemente, o indivíduo passa a se relacionar de forma equilibrada, diferenciando o amor da dependência.

É importante ressaltar que, este é um campo ainda pouco explorado, necessitando de mais estudos, principalmente sobre tratamentos especializados ao dependente, pois, tais intervenções, geralmente, não possuem testagem científica e comprovação de sua eficácia. Contudo, há relatos de pacientes acometidos pelo

Transtorno de Personalidade Dependente que, após tratamento psicanalítico, houve auto percepção de melhora significativa.

Deve-se considerar também, a individualidade e capacidade singular, na elaboração de suas demandas, onde não se pode afirmar, qual melhor manejo e quanto tempo levará até a atenuação do sofrimento.

Para tanto, é fundamental que políticas públicas de saúde mental sejam fortalecidas, considerando principalmente, a falta de acesso da maioria da população, aos serviços de psicoterapia, posto que, pelo Sistema Único de Saúde, (SUS), a demanda é muito maior que a oferta de profissionais disponíveis, evidenciando a pouca valorização da saúde emocional, ignorando seus efeitos no processo saúde- doença, no qual, o emocional produz a somatização.

REFERÊNCIAS

ALONSO -ARBIOL, I., SHAVER, P. R., & YÁRNOZ, S. (2002). Insecure attachment, gender roles, and interpersonal dependency in the Basque Country. *Personal Relationships*, 9(4), 479-490. doi: 10.1111/1475-6811.00030

ARAÚJO, N. L. **Dependência Emocional: mulheres que sofrem violência**, 2020 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da universidade Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9075/TCC%20Naiara%20Li%20ma%20Araujo.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 de março de 2022.

ASSMANN, T., MACHADO, S. S. Análise de caso: Self dependente na perspectiva cognitivista. *Boletim EntreSIS*, Santa Cruz, v. 2 n. 2 ago. /dez. 2017.

COGWELL, A., ALLOY, L. B., KARPINSKI, A., & GRANT, D. A. (2010). Assessing dependency using self-report and indirect measures: Examining the significance of discrepancies. *Journal of Personality Assessment*, 92(4), 306-316. doi: 10.1080/00223891.2010.481986. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00223891.2010.481986>. Acesso em: 27 de março de 2022.

BOSCARDIN, M. K., & KRISTENSEN, C. H. (2011). Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. *Revista de Psicologia da IMED*, 3(1), 517-526. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/85/78>. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

BUTION, D. C., & WECHSLER, A. M. (2016). Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Estudos Interdisciplinares Em Psicologia*, Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100006. Acesso em 30 de janeiro de 2022.

CAMPOS, V. **As primeiras experiências infantis e a dependência emocional na fase adulta**. 2020 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia do centro universitário UNIFAAT, Atibaia, SP, 2020. Disponível em

<http://186.251.225.226:8080/bitstream/handle/123456789/271/TCC%20-%20VIVIANE%20CAMPOS%20-%20Finalizado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 de fevereiro de 2022.

GOLEMAN, D. ph.D. Inteligência emocional: a teoria revolucionaria que redefine o que é ser inteligente / Daniel Goleman. 2ª ed.-Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 384p. p.74.

DSM-5/ (American Psychiatric Association, tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento...et al.); revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli... (et al.). - e. Porto Alegre: Artmed, 2014, xlv, 948 p.;25 cm. P.675.

FREUD, (1920) Mais além do princípio do prazer. Madri, Biblioteca Nueva, 1973.

JIMÉNEZ, M. V. M.; RUIZ, C. S. Dependências sentimentais e afetivas: etiologia, classificação e evolução. Departamento de Psicologia, Espanha: 2008. Disponível em

https://www.researchgate.net/profile/Carlos_Sirvent/publication/274954114_Dependencias_sentimentales_o_afectivas_etiologia_clasificacion_y_evaluacion/links/552d03560cf2e089a3ad1b68/Dependencias-sentimentales-o-afectivas-etiologia-clasificaciony-evaluacion.pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

MYERS, B., DILKS, L. S., & MARCEAUXS, J. (2007). An Exploration of Shyness and its Relationship to Partner Dependency in Romantic Relationships. *North American Journal of Psychology*, 9(2), 293-302. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA164638534&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=15277143&p=AONE&sw=w&userGroupName=anon%7Ec7a02656>. Acesso em: 27 de março de 2022.

MOTA, G. A.; MUGNOL, M. J. S. Dependência afetiva: Quando amar é uma patologia – Levantamento, intervenção e prevenção. Santos - SP. 2018. Disponível em <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2018/trabalho-1000002547.pdf>. Acesso em 21 de fevereiro de 2022.

NOGUEIRA. O.L. M L; GERONASSO H.C.M., Casal e Família de origem: Uma Possível Relação na Dependência Emocional na Mulher. O portal do psicólogo, 2010. Disponível em: ><http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0521.pdf> < Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

NORWOOD, ROBIN. (2011). Mulheres que amam demais (M. C. de Biase, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1985).

RISO, W. (2008) – Amar ou depender? Como superar a dependência afetiva e fazer do amor uma experiência plena e saudável / Walter Riso; tradução de Marlova Aseff. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2021. 176p. p19. p25. p26.

SANTOS, T.C. R. (2020). Dependência emocional nos relacionamentos. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA). Ariquemes, RO, 2020. Disponível em: https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2748/1/TCC%20-%20Thalita%20Cristina%20dos%20Santos_assinado_assinado_assinado_assinado.pdf. Acesso em 02 de fevereiro de 2022.

Sussman, S. (2010). Love addiction: Definition, etiology, treatment. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 17(1), 31-45. doi: 10.1080/10720161003604095. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4770086&pid=S2236-6407201600010000600032&lng=pt . Acesso em:27 de março de 2022.

WINNICOTT, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

Zanin, E.R., Valério, N.I. intervenção cognitiva comportamental em transtorno de personalidade dependente: relato de caso, Ver. Bras. Ter. comport. Cogn. Vol. 6 no. 1 São Paulo jun. 2004.